

Angelo Venosa, escultor

Instituto Casa Roberto Marinho apresenta mostra panorâmica em torno da obra de um dos maiores expoentes da arte contemporânea brasileira. Curadoria de Paulo Venancio Filho reúne 85 esculturas de aproximadamente 50 anos de produção do artista

Um mergulho na obra de um dos nomes mais importantes da arte contemporânea brasileira é o que espera o visitante de *Angelo Venosa, escultor*, mostra panorâmica na Casa Roberto Marinho. Sob a curadoria de Paulo Venancio Filho, a individual ocupa os 1.200m² de área expositiva do instituto cultural no Cosme Velho, Zona Sul do Rio de Janeiro, reunindo 85 trabalhos de um arco temporal que vai do início da década de 1970 às últimas obras realizadas em 2021.

De acordo com o curador, que acompanhou a trajetória artística de Angelo Venosa (São Paulo, 1954-Rio de Janeiro, 2022) desde o início, a exposição apresenta um amplo panorama de sua produção absolutamente singular. E revela a complexidade de seu pensamento escultórico expresso em obras de grandes dimensões ou de pequeno formato, construídas a partir da diversa gama de materiais que caracteriza seu processo criativo.

“A carreira do Angelo surge quando a pintura volta a tomar proeminência no ambiente artístico brasileiro e vários de seus amigos eram pintores da chamada ‘Geração 80’. O fato é que ele foi o único, senão o mais importante, escultor dessa geração. E teve pouca influência das experiências neoconcretas tridimensionais que privilegiavam o plano e não o volume. Ele se voltou

de maneira absolutamente heterodoxa para as características clássicas da escultura; o volume, a massa, o peso. Suas primeiras obras, resultado de uma artesanaria própria e quase rústica, enfatizavam o volume, a presença física entre uma forma abstrata ou representação de uma entidade orgânica”, analisa Paulo Venancio.



Sem título, 1998

Foto: Divulgação

Sem obedecer a uma cronologia linear, o curador selecionou esculturas suspensas, de parede ou de chão. As peças serpenteiam pelo espaço, emergem horizontalmente ou exploram a verticalidade, incorporando luz e sombra como parte do projeto, e revelam uma inusitada investigação da estrutura e da forma.



Sem título, 2018

Foto: Cortesia Galeria Nara Roesler

“Fiz questão de colocar, lado a lado, trabalhos de diferentes períodos, tamanhos e volumes. Cada sala tem uma unidade que se comunica com o todo. A proposta é apresentar o conjunto com certa liberdade, sem pautá-lo por eixos temáticos, deixando que o espectador encontre suas próprias referências a partir da multiplicidade de significados e inquietações que as obras evocam”, informa Venancio Filho.

A radicalidade experimental que marca a produção de Venosa manifesta-se em cada trabalho. Em sua poética, materiais recorrentes à prática da escultura tradicional, como o bronze, o mármore, o aço e a madeira, se fun-

dem a ossos, dentes de boi, piche, areia, cera de abelha, bandagem, filamentos de café, galho de árvore, breu, fibra de vidro, gesso, tecido e arame.

Apesar do aspecto eminentemente artesanal de sua obra, o escultor sempre esteve atento às tecnologias digitais e, a partir de um determinado período, incorporou a impressora 3D à sua prática, sem deixar de lado os meios tradicionais. Sobre esta fase, Paulo Venancio Filho escreveu, em 2013, no texto *“A metamorfose dos corpos”*:

“Ficaram para trás as reminiscências do orgânico... É como se a escultura tivesse abandonado um período, um estágio do vertebrado para o seriado, do orgânico para o sintético. Do ateliê para o laboratório, um salto ‘evolutivo’ acompanha o andamento tecnológico do mundo. O acrílico, o recorte computadorizado do material, o seu ordenamento mecânico, preciso, irretocável, dos produtos em série”.

A panorâmica apresenta os trabalhos negros do início da carreira – estruturados a partir de madeira, tecido e tinta – em diálogo com a produção recente, estabelecendo relações plásticas entre as peças. Um autorretrato em xilogravura, de 1972, é a obra mais antiga em exibição. No térreo, há um espaço dedicado aos desenhos, anotações e esboços do artista que tinha grande fluência no traço. Completa a seleção uma série de retratos em acrílica sobre papel produzida por Luiz Zerbini, grande amigo de Venosa. A mostra contempla, ainda, uma cronologia ampliada organizada por Ileana Pradilla Ceron.



Sem título, 2021

Foto: Cortesia Galeria Nara Roesler

ANGELO VENOSA | SOBRE O ARTISTA

Angelo Augusto Venosa nasceu em São Paulo, em 1954. Na infância, suas primeiras referências sobre questões relativas à forma e ao fazer provêm das construções em madeira que seu pai projeta e realiza para os cenários no Clube Paulistano, e das modelagens e costuras elaboradas por sua mãe. Em 1973 Angelo frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. No ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, cidade que elegeu para morar até o fim da vida, para estudar na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ). Gradua-se bacharel em desenho industrial em 1977.

Desenvolvidos em seu ateliê no bairro do Jardim Botânico, seus trabalhos em madeira, envoltos por tecido, resina e fibra de vidro, ou compostos por cera de abelha e dentes, evocam volumes incomuns, fundando uma temporalidade ambígua e emanando

referências a eras ancestrais. Essa sensação se amplia pela tensão entre as formas e os materiais empregados.

SERVIÇO

Exposição *Angelo Venosa, Escultor*

Até 12 de novembro

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos
Aos domingos, "ingresso família" a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas.

A Casa Roberto Marinho respeita todas as gratuidades previstas por lei e é acessível a pessoas com deficiência física. Estacionamento gratuito para visitantes, em frente ao local, com capacidade para 30 carros.